

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Escondidinho de crise

Daqui até a eleição, o presidente Jair Bolsonaro (PL) dedicará grande parte de seu discurso a temas que não conversem diretamente com a crise econômica — caso da auditoria das urnas eletrônicas e o do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ), por exemplo. Até agora, conseguiu. Foram dias de discussão sobre a graça concedida ao parlamentar, com os problemas na economia em segundo plano. A esperança dos estrategistas do presidente é que continue assim.

A guerra é mundial

Nos bastidores do Itamaraty, cresce a percepção de que a guerra na Ucrânia é um conflito entre a Rússia e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). E embora esteja restrita ao território ucraniano neste momento, é preciso ficar de olho.

Pegada gospel

A nova versão de *Sem Medo de Ser Feliz*, jingle da campanha de Lula, de 1989, lançada no evento de confirmação da pré-candidatura, foi vista por evangélicos ligados ao PT como na medida certa para levar os fiéis a, pelo menos, prestar atenção no petista. Até aqui, Bolsonaro reina nesse segmento.

Por falar em "pegada"...

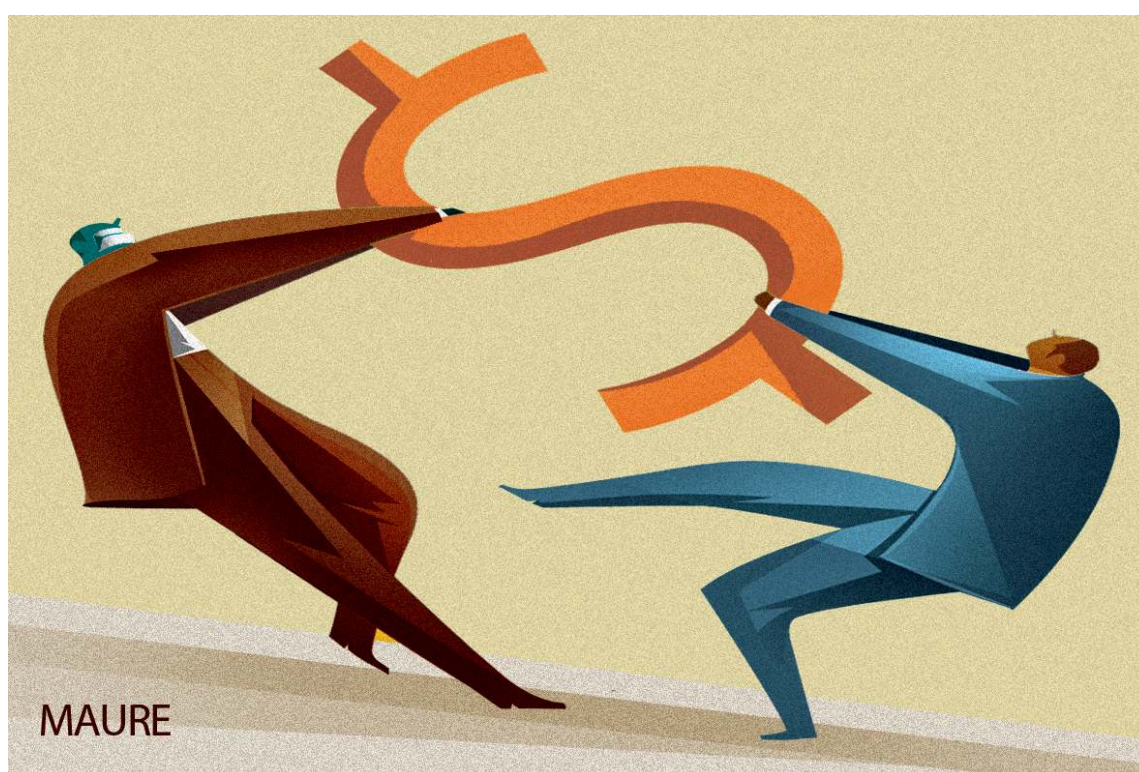
O PT acredita que o evento em São Paulo colocou o tom certo no discurso de Lula: comparar o que o brasileiro tinha acesso no governo petista, em termos econômicos, e o que tem hoje. Agora, será colocar essa narrativa no improviso, sem deslizes. A fala de ontem foi escrita. E tudo foi pensado para deixar o ato sem erros que pudessem levar a explicações ou desculpas.

União de reclamações

A turma que seguiu para o União Brasil com promessas de financiamento da campanha eleitoral formou um muro de lamentações, esta semana, no plenário da Câmara. Nas conversas paralelas, os parlamentares do partido diziam que o vice-presidente Antônio Rueda simplesmente não atende as ligações dos deputados e se esquiva quando perguntado sobre os recursos, sob a guarda da irmã dele, Maria Emília, tesoureira da legenda com mais recursos de fundo partidário e eleitoral. A ansiedade está

grande porque a campanha já entrou na agenda das excelências e é preciso montar estrutura. Muitos acham que quem já tem dinheiro e comitê de pé vai tomar eleitor de quem ainda não obteve os recursos da agremiação.

Só tem um probleminha: nenhum partido tem condições de abrir o cofre eleitoral agora. É possível repassar verbas apenas depois da conta de campanha aberta, o que só pode ocorrer no período oficial pré-eleitoral. Até lá, Rueda continuará dando várias desculpas às excelências.



CURTIDAS

PEDRO PARDO



Vestário.../ O evento de lançamento da pré-candidatura Lula-Alckmin foi milimetricamente planejado. Vermelho, só o vestido de Gleisi Hoffmann, presidente do PT, e a echarpe de Dilma Rousseff (foto). Geraldo Alckmin, no vídeo, e Lula, no palco, estavam de "uniforme": camisa branca e paletó azul marinho. E no telão, a bandeira do Brasil.

... e movimento/ Os pré-candidatos ao governo de São Paulo, Fernando Haddad (PT) e Márcio França (PSB), ficaram em lados opostos do palco. França, sentado ao lado de Dilma, no espaço reservado às autoridades presentes. Haddad, na primeira fila, estrategicamente posicionado do lado em que estavam os líderes de movimentos sociais.

A hora dela/ A ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Cristiane Britto, faz um pronunciamento hoje, às 20h45, em homenagem ao Dia das Mães, para dar uma pincelada nas ações do governo em sua área.

Por falar em mães.../ Fica aqui o meu abraço a todas as mães. Em especial, à minha, d. Paula. Feliz Dia das Mães!

ELEIÇÕES

Costumes ficam em 2º plano

Doria, Tebet, Ciro e, agora, Lula, enfatizarão na campanha questões concretas para o cidadão, como inflação e emprego

» VINÍCIUS DORIA

O discurso do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT-SP), ontem, em São Paulo, no evento que marcou o lançamento da pré-candidatura da frente de partidos de esquerda e centro-esquerda às eleições presidenciais, deixou evidente que os adversários vão explorar o principal flanco exposto do presidente Jair Bolsonaro (PL-RJ). Dar centralidade às dificuldades econômicas do país e, em particular, da população que sofre com a inflação e o desemprego, é passo calculado e estratégia já adotada pelos pré-candidatos João Doria (PSDB), Simone Tebet (MDB) e Ciro Gomes (PDT).

Com Lula, fecha-se o cerco de isolamento da chamada pauta de costumes, que envolvem questões ligadas à sexualidade, à família e à religião — temas como o suposto avanço ou retorno do comunismo, facilitado por uma pauta "globalista", também se inserem nesse pacote. A estratégia tem o objetivo de deixar o debate sobre temas pouco concretos circunscrito a Bolsonaro e seus seguidores mais fiéis na internet.

A estratégia de chamar para o centro do ringue as questões relacionadas diretamente ao bolso do cidadão-contribuinte-eleitor foi primeiramente adotada pela pré-campanha de Doria, que a expôs na propaganda partidária. "A economia é o que se coloca como questão principal sobre a vida dos brasileiros. É fundamental apresentar uma agenda de soluções para a inflação, a retomada do crescimento e a distribuição de renda", diz o coordenador da campanha do ex-governador de São Paulo, Marco Vinholi.

Sem delírios

Mas ele ressalta que o eleitor sabe diferenciar promessas de campanha efetivamente viáveis daquelas pouco factíveis apresentadas pelos candidatos nos programas eleitorais. "Os programas devem estar calçados em modelos exequíveis. Há muita proposta estapafúrdia, e o eleitor percebe rapidamente o que é falso", observa.

Os programas do PSDB exibidos na propaganda partidária de rádio e TV foram produzidos para destacar o desenvolvimento econômico de São Paulo sob o comando de Doria, com foco nos investimentos e em programas de geração de renda e emprego.

Apré-candidata Simone Tebet concorre com Doria na disputa pela cabeça de chapa do chamado centro democrático, hoje restrito a MDB, PSDB e Cidadania. Nas viagens que tem feito pelo país em busca de apoio, a senadora sempre marca reuniões com empresários, principalmente do agronegócio e do setor de inovação e empreendedorismo. Nas entrevistas, faz questão de frisar o difícil momento econômico do país, e de responsabilizar o atual governo pela crise.

Um dos alvos de Tebet é a classe média, que costuma se engajar com mais antecedência nos debates eleitorais — mas, neste ano, segundo a candidata, está mais preocupada com sua própria situação. "Como hoje (a classe média) está devendo no cartão de crédito, não porque parcelou uma viagem, mas porque está pagando supermercado, comprando comida, as pessoas não querem saber de política", disse a senadora no encontro que teve no Rio Grande do Sul, na última sexta-feira.

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



Dos pré-candidatos, Ciro tem sido o único a apontar os erros na política econômica do governo Dilma

Tema desconfortável também para o PT

Para o pré-candidato do PDT à Presidência, Ciro Gomes, a pauta econômica sempre esteve em primeiro lugar. Ele foi o primeiro postulante ao Palácio do Planalto, na atual corrida eleitoral, a chamar o presidente Jair Bolsonaro (PL) para o debate dos problemas reais do país e como eles afetam a população.

"Vamos falar de emprego, de salário, de inflação, de como um país passa 11 anos sem crescer", destacou em vídeo gravado para a pré-campanha. A diferença para os outros candidatos, por enquanto, é que ele também chama o pré-candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, para o embate, quando critica em tom de provocação promessas já feitas pelo petista.

"Picanha e cerveja, conversa

mole, mentirosa, porque o povo pobre nunca teve direito à picanha e à cerveja. Do outro lado, (aversão ao) comunismo, apologia dos costumes, invadindo a religiosidade do nosso povo. Está na hora de acabar com isso", destaca Ciro, que pretende trazer para o centro do debate os equívocos da política econômica petista, sobretudo no governo Dilma Rousseff. Isso porque, nas hostes do pedetista, também não interessaria a Lula falar dos problemas promovidos pela sucessora, que tracionaram o impeachment.

Cartas na manga

Engana-se, porém, quem está convicto de que Bolsonaro não

tem armas eficientes para enfrentar esse debate a crise econômica atual. Para o cientista político Paulo Kramer, a equipe comandada pelo ministro Paulo Guedes vem anunciando muitas medidas da agenda microeconômica, como redução do IPI, novas linhas de financiamento e ampliação do crédito consignado.

Ele lembra que há, ainda, as promessas de correção das alíquotas do Imposto de Renda — que, segundo cálculos do Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal (Sindifisco Nacional), apresenta uma defasagem de 134,52%, impactando diretamente os rendimentos das classes sociais de menor renda — e de aumento do funcionalismo público.



"Os programas devem estar calçados em modelos (econômicos) exequíveis. Há muita proposta estapafúrdia, e o eleitor percebe rapidamente o que é falso"

Marco Vinholi, coordenador da campanha de João Doria

Kramer ressalta que a inflação aumenta a arrecadação e dá ao governo recursos adicionais — o chamado espaço fiscal — para sustentar medidas consideradas "protetivas" nesse momento de dificuldades.

"A Casa Civil, a AGU (Advocacia-Geral da União) e o Ministério da Economia estão vendo as medidas que não têm impacto fiscal ou complicação jurídica para aplicar", aponta Kramer.

Para a equipe de Bolsonaro, segundo Kramer, o importante na corrida eleitoral é passar para o eleitor "a sensação de que a situação está melhorando, mesmo que não da forma ideal" — ideia que, aliás, Paulo Guedes sempre reforça em eventos públicos. (VD)